



WILLIAM JAMES: um “fazedor de idéias inquietantes” para o passado, presente e futuro da psicologia.

The Principles of Psychology

BY
WILLIAM JAMES



WILLIAM BENTON, *Publisher*.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, INC.

CHICAGO - LONDON - TORONTO - GENEVA - SYDNEY - TOKYO - MANILA

Com a primeira edição datada de 1878, esta é considerada por muitos historiadores e filósofos da psicologia, não só a obra mais bem desenvolvida do próprio William James, como uma obra que demarca um ponto de viragem na psicologia da época, especialmente no debate com a obra de Wundt, inaugurando noções que não mais abandonarão a psicologia, tais como a de intencionalidade e futuridade da ação simbólica; a de Self como unidade cognitivo-afetiva-acional e auto reflexiva; a de conflito, identidade e dialogia do Self. Amplia também o escopo da Psicologia: “A linha delimitadora do mental é certamente vaga” (p.06).

James, W. (1890). *Principles of Psychology*. Cap. I: The Scope of Psychology

- “A Psicologia é a Ciência da Vida Mental, tanto em seus fenômenos, quanto em suas condições” (p.01).
- **Fenômenos mentais** = sentimentos, desejos, cognições, raciocínio, decisões, etc., em tal variedade e complexidade que deixariam uma impressão de caos em quem os observasse.
- Proposições que buscavam dar conta da unidade observada apesar dessa diversidade, criticadas por James:
 - *espiritualismo e senso comum* - classificar e unificar os fenômenos mentais segundo uma única entidade (a alma pessoal), que se manifesta a cada momento, segundo suas várias faculdades; metodologicamente inadequada porque não é dada nenhuma razão para que uma faculdade se manifeste em dado momento, a não ser seu próprio potencial (ex.: lembrar-se -> essência do poder de lembrar da memória);

- *associacionismo* - buscar elementos comuns nos diversos fatos mentais, e não em um agente por detrás deles, explicando associativamente suas combinações; metodologicamente inadequada porque não é dada nenhuma razão para que, por exemplo, nos lembremos de algo, a não ser a de que há, por um lado, coisas a serem lembradas e, por outro, nossa faculdade de memorizar.

As fantásticas faculdades mentais não existem "em absoluto", mas sob certas condições; *"e a busca dessas condições se torna a tarefa mais interessante do psicólogo"* (p. 3).

Em ambos os casos (espiritualistas e associacionistas): esvaziamento da relação corpo (funções cerebrais) – mente; James dirá: "uma certa quantia de fisiologia cerebral precisa ser pressuposta ou incluída na Psicologia" (p. 5); *"nenhuma modificação mental ocorre senão acompanhada ou seguida de uma modificação corporal"* (p.5)

Faz sua proposta e a argumenta com a própria situação em que se encontra o leitor:

“As ideias e sentimentos, por exemplo, que estes caracteres impressos excitam na mente do leitor, não apenas ocasionam nele movimentos de seus olhos e movimentos nascentes de articulação, mas irão algum dia fazê-lo falar, ou tomar partido em uma discussão, ou dar um aviso, ou escolher um livro para ler, de maneira diferente do caso em que nunca tivessem sido impressos em sua retina. Nossa psicologia precisa, portanto, considerar não apenas as condições antecedentes dos estados mentais, mas também suas consequências resultantes” (p.5).

Dada a diversidade do fenômenos mentais, **o que incluir ou não como fenômenos atinentes à psicologia?** Por exemplo, atos que acontecem pela inteligência consciente, mas que se automatizam pelos hábitos, de modo a parecerem inconscientes, assim como atos reflexos de auto preservação.

“A linha delimitadora do mental é certamente vaga” (p. 6).

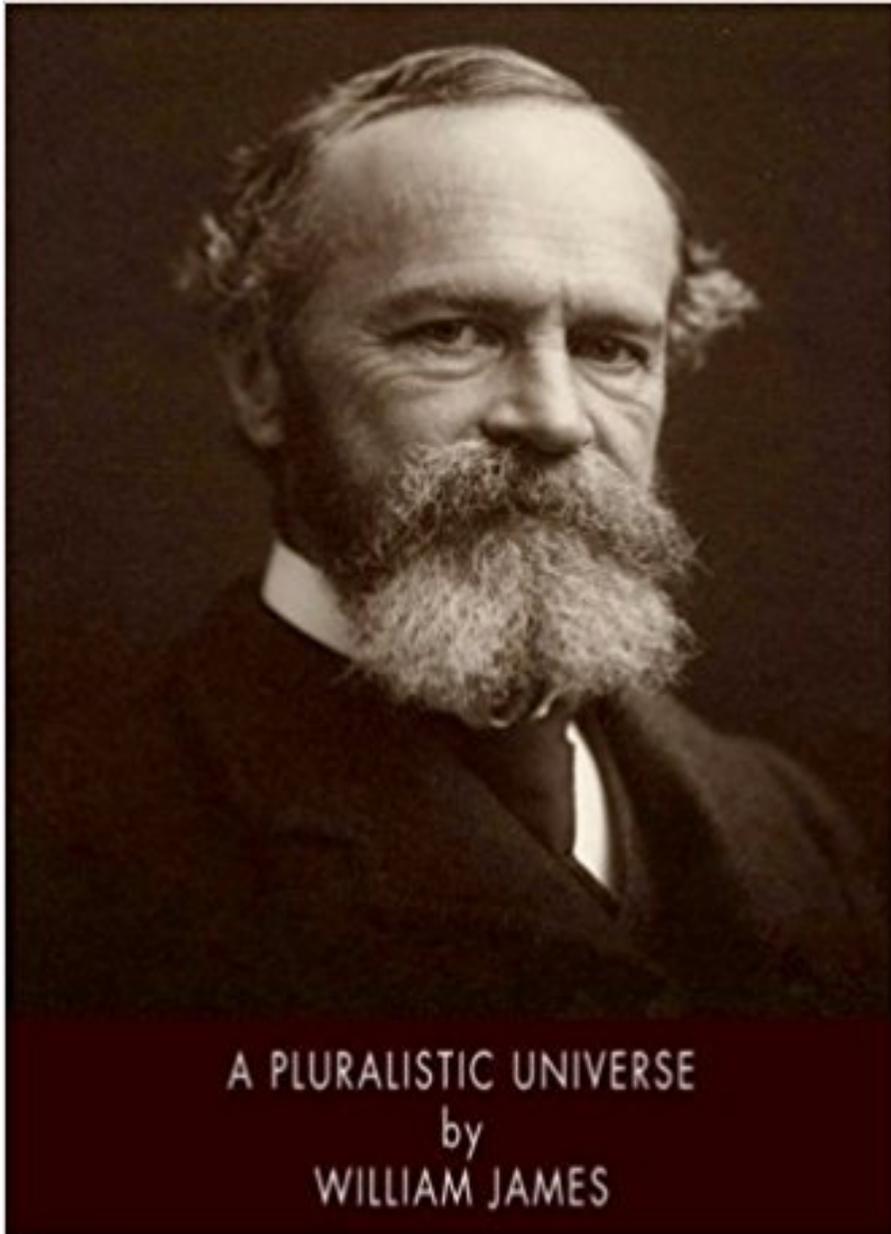
Defende por isso que, no estágio em que a Psicologia se encontrava à época, dever-se-ia ampliar, em vez de estreitar, a concepção do objeto de estudo: *“Em certo estágio do desenvolvimento de toda ciência, certo grau de vaguidade é o que em mais consiste sua fertilidade”* (p. 6)“.

Tarefa da Psicologia: compreender como a vida mental intervém entre impressões formadas desde fora do corpo e reações do corpo sobre o mundo externo outra vez (p. 6).

Proposição e critério definidores do objeto de estudo da Psicologia: modificação proposital de meios para atingir um mesmo fim X fixidez dos meios e o atingir casual dos fins.

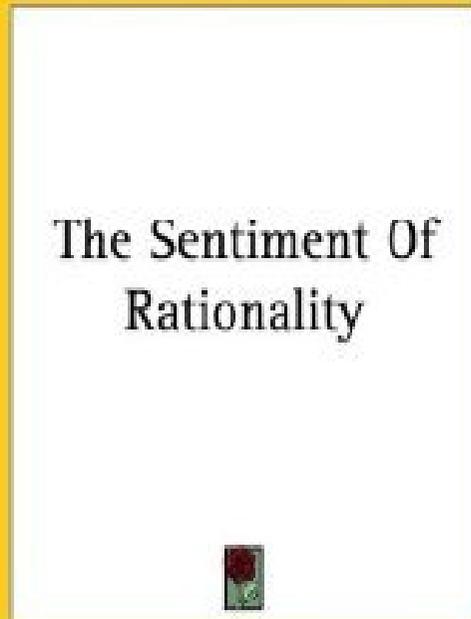
Ilustração: a limalha de ferro e o imã X Romeu e Julieta: *“O perseguir fins futuros e a escolha de meios para atingi-lo são marcas e o critério da presença de mentalidade em um fenômeno”* (p. 8) (...) *“nenhuma ação senão aquelas desempenhadas visando um fim, e mostrando uma escolha de meios, pode ser chamada indubitavelmente de uma expressão da Mente”* (p. 9).

“Dentre os muitos ‘insights’ e resultados valiosos de *Principles of Psychology*, o mais valioso foi que James não conseguiu seu grande intento de evitar a filosofia. Ele não pode correlacionar estados mentais e estados cerebrais até que especificasse os estados mentais; e não pode especificar estados mentais até especificar como eles diziam respeito a seus objetos no mundo. Não apenas não pode evitar os problemas filosóficos; ele via que os problemas filosóficos estavam aí imbricados, e que a ‘relação cognitiva’ entre estados mentais e mundo era a mais básica (a questão de como os objetos se ‘tornam conhecidos’ em estados mentais, o que ele mais queria evitar)” [Wilshire, B. (1997), *The breathtaking intimacy of the material world: William James’ last thoughts*. Em: R. A. Putnam (Org.) *The Cambridge Companion to William James*, p. 107].



FIRST RATE PUBLISHERS

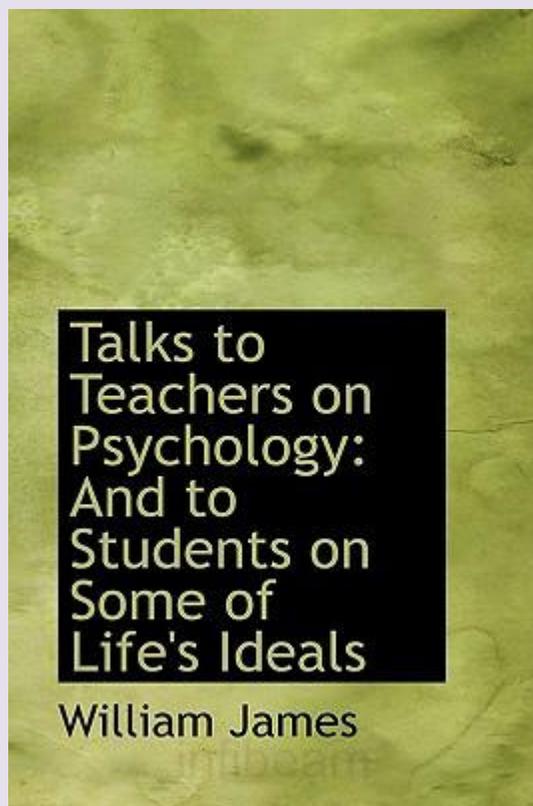
Em *A Pluralistic Universe*, James se ocupa, dentre outros aspectos, dos tipos de filosofia, focalizando o caráter humano do filósofo; argumenta que as diferentes filosofias representam expressões do caráter humano íntimo e que os filósofos derivam suas visões de mundo de suas próprias experiências [cf. Lamberth, D. C., (1997). Interpreting the universe after a social analogy: Intimacy, panpsychism, and a finite god in a pluralistic universe. Em: R. A. Putnam (Org.) *The Cambridge Companion to William James*, 237-259]



William James

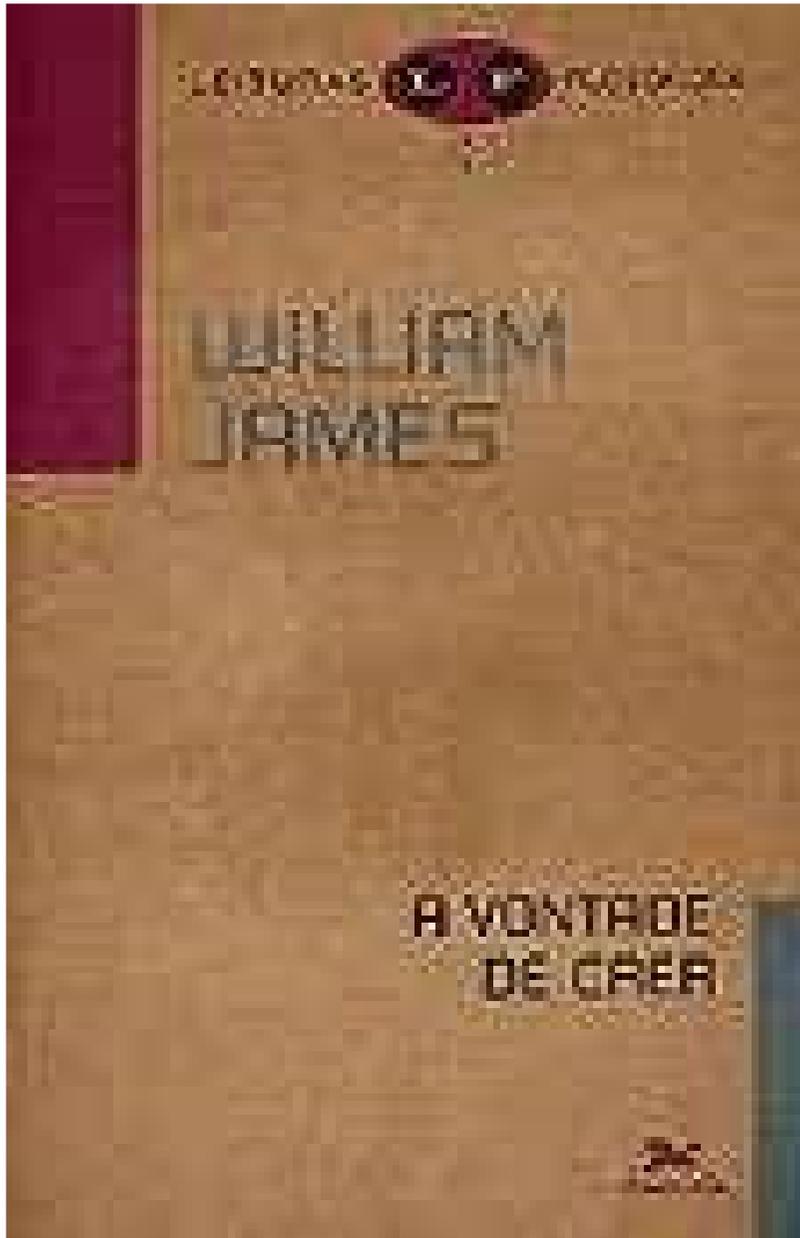
1ª. Edição em 1879.

- cada pessoa pode reconhecer sua própria racionalidade, assim como reconhece outros aspectos de si, através de marcas subjetivas que a afetam;
- dentre essas marcas, podem estar presentes intenso sentimento de paz, descanso , tranquilidade e suficiência de si mesma com relação ao momento presentemente vivenciado, assim como sentimentos antagônicos a esses;
- o reconhecimento consciente da presença de sentimentos vivenciados são a marca da racionalidade humana.



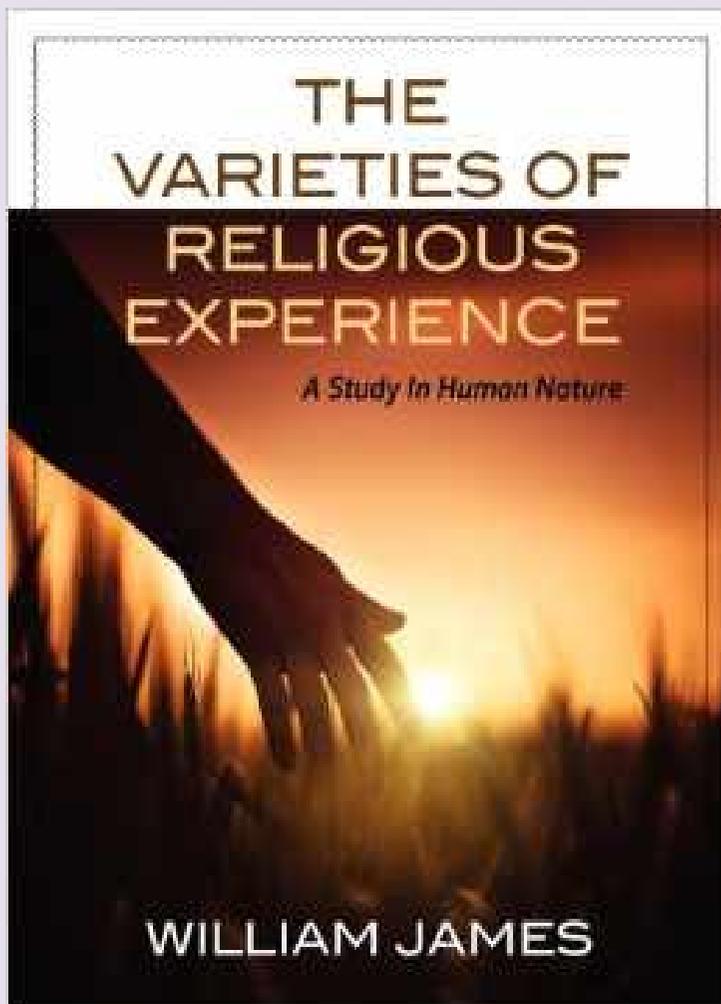
1ª. Edição em 1899.

- no ensaio intitulado “Certa Cegueira dos Seres Humanos” aborda a dificuldade dos seres humanos em se colocarem uns nos lugares dos outros;
- antecipa discussões filosóficas e psicológicas sobre essa real possibilidade, bem como sobre a desejabilidade dessa possibilidade;
- no âmbito psicológico, essas questões remetem às relações humanas como território do engano, das tensões, dos compartilhamentos e das diferenças, nas relações eu-outro e nas relações entre diferentes posições de si mesmo.



1ª. Edição em 1897.

- questões do direito de crer em algo e da precedência da crença sobre fatos, podendo aumentar o sucesso da pessoa em circunstâncias adversas;
- os processos psicológicos são afetivamente orientadores das ações na 'futuridade', isto é, afetam a expectativa que orienta, cognitiva e emocionalmente, a ação racional;
- argumenta sobre a existência de “uma opacidade última das coisas, uma dimensão do ser, que nos escapa ao controle teórico” (p. 143), antecipando questões atinentes à alteridade e aos limites da racionalidade para a compreensão das relações interpessoais.



Edição original de 1902 (reprodução ao lado: capa da edição de 2013): William James toca aqui na questão da experiência individual, pessoal, com o transcendente, com o divino, como uma das mais relevantes experiências para a formação do self. Coloca a experiência mística como paradigmática das polaridades inerentes à natureza humana, que não se docilizam ou reduzem-se à perspectivas exclusivamente racionalistas. Antecipa, aqui, alguns aspectos que são tratados contemporaneamente por nós da psicologia semiótico-cultural, no âmbito dos mitos.

W. James (1902) As Variedades da Experiência Religiosa – Um Estudo sobre a Natureza Humana

III Conferência – A REALIDADE DO INVISÍVEL

“Se nos pedissem para caracterizar a vida religiosa no sentido mais amplo e mais geral possível, poderíamos dizer que ela consiste na crença de que existe uma ordem invisível, e que o nosso bem supremo reside em ajustarmo-nos harmoniosamente a ela. **Essa crença e esse ajustamento são as atitudes religiosas da alma.** Desejo, durante essa hora, chamar-lhes a atenção para algumas **peculiaridades psicológicas** de atitudes como essa, ou seja, de **crença em um objeto que não podemos ver. Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, assim como religiosas, devem-se aos ‘objetos’ de nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem junto de nós, sejam reais ou ideais”** (p. 44/ 61*).

* em itálico, original em inglês, edição da Modern Library, 2002.

- A reação produzida por coisas do **pensamento** pode ser até mais forte que a produzida por **presenças sensíveis**.
- A força da religião (cristã) deve-se à crença em **ideias puras**, “para as quais **nada da experiência passada do indivíduo serve diretamente de modelo**” (p. 44).
- **Colocando-se a questão de forma extremamente sintética: James vê sentido no “como...se” da razão prática kantiana, mas rejeita o primado da razão pura, do intelecto.**
- “Todo o universo de **objetos concretos** (...) navega num universo mais amplo e mais alto de **ideias abstratas**, que lhe emprestam sua **significação**. Assim como o tempo, o espaço e o éter penetram todas as coisas, assim (sentimo-lo) a bondade, a beleza, a força, a importância, a justiça, abstratas e essenciais, penetram todas as coisas boas, fortes, importante e justas”(p. 46). **[ERNST BOESCH – 1916-2014]**
- “Em muitas mentes, **a ‘ciência’ está tomando o lugar da religião**. Onde isso acontece, **o cientista trata as ‘Leis da Natureza’ como fatos objetivos que devem ser reverenciados**” (p. 46)

A partir dos relatos de experiências (casos):

- o funcionamento mental se dá segundo um **sentido de realidade presente mais difundido e geral** do que aquele que **os nossos sentidos especiais nos fornecem**;
- o interesse do psicólogo deve estar mais na faculdade (na possibilidade do acontecimento psicológico) do que em sua base orgânica;
- sentido de **realidade** e de **irrealidade**;
- “Podemos agora admitir como certo que na esfera puramente religiosa da experiência, muitas pessoas (não podemos dizer quantas) possuem os objetos de sua crença, não só na forma das meras concepções que seus intelectos aceitam por verdadeiras, mas em forma de realidades quase sensíveis, diretamente apreendidas” (...) “...o sentido de realidade pode ser algo mais parecido com uma sensação do que com uma operação intelectual propriamente dita” (p. 50);

- a **brevidade e o caráter de verdade** do acontecimento místico;
- a **crença** como refratária a contra-argumentos **lógico-racionais**;
- a **permanência da presença do idolatrado, na inteireza de sua afetação ininterrupta**;
- a parte da vida mental explicada pelo **racionalismo** é relativamente superficial, embora detenha o prestígio, em detrimento da **intuição** **[HENRI BERGSON - 1859 – 1941]**;
- “Nossa crença impulsiva é sempre o que ergue o corpo original da verdade, e a nossa filosofia verbalizada é apenas a sua aparatosa tradução em fórmulas” (p. 56).
- Atitudes que os objetos religiosos despertam: **alegria**, tristeza, medo, **júbilo** **[PIERRE JANET-1859-1947]**;

- “(...) a religião do homem envolve tanto estados os mentais de contração quanto os estados mentais de expansão do ser. Mas a mistura quantitativa e a ordem desses estados mentais variam tanto de uma época do mundo, de um sistema de pensamento e de um indivíduo para outro, que podemos insistir não só no pavor e na submissão, mas também na paz e na liberdade como a essência da matéria, e ainda permanecer materialmente dentro dos limites da verdade” (p. 57).

- Alguns dos desdobramentos das noções e questões discutidas nas pesquisas da docente:
- Simão, L. M. e Mitjáns, A. *O Outro no Desenvolvimento Humano: diálogo para a pesquisa e prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- Simão, L. M. (2003). *Beside Rupture—Disquiet; Beyond the Other—Alterity*. *Culture & Psychology*, 9(4), 454-459.
- Simão, L. M. e Valsiner, J. (Eds.) (2007). *Otherness in Question: Labyrinths of the Self*. Information Age Pub.
- Simão, L. M. (2010) *Ensaio Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu - outro*. São Paulo: HUCITEC.
- Simão, L. M. (2011). *The Other in the Self: A Triadic Unit*. In: J. Valsiner (Ed.), *The Oxford Handbook in Culture and Psychology*, 403-420.
- Simão, L. M. (2016). *Culture as a Moving Symbolic Border*. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 50: 14-28.